

O Homem Nu

por Filipe Chagas



O Homem Nu é um livro do escritor brasileiro Fernando Sabino, publicado em 1960. Quarenta crônicas e pequenos contos formam a publicação, que traz reflexões sobre o cotidiano. A crônica que dá o título ao livro tem apenas quatro páginas e fala sobre um homem que, ao ir apanhar o pão, se vê do lado de fora do apartamento completamente nu, sem conseguir entrar.

O conto teve duas adaptações para o cinema. A primeira, em 1968, dirigida por Roberto Santos e protagonizada por Paulo José (foto abaixo), não teve um resultado que Sabino gostou. Fez, então, sua própria roteirização da história e transformou o material na novela *A nudez da verdade*, que em 1994 entrou na trilogia *Aqui estamos todos nus*. Em 1997, Hugo Carvana dirigiu a outra adaptação cinematográfica do conto com Cláudio Marzo (foto ao lado) no papel-título.



Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem – ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar – amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído

da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu – chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! – fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não – repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! – gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o tra-seiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de

pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora – disse ele, confuso. – Imagine que eu...

A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia – disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

8=D

Nu não, livre

Formado em Comunicação Digital, Allan Lucena encontrou na Arte da Palavra sua forma de expressão. Teve a oportunidade de publicar contos e poesias em revistas online e jornais. Escreve no blog *Umikizu* (www.umikizu.art.br) desde 2010 e, este ano, publicou o livro *Ensaaios Umikizu* pela Editora Madrepérola.

Ele estava nu! Nu em pelo!
Era ele e ele, sozinho, inteiro.
Estava sem roupas, sem zelo.
Estava perdido dentro de si.

Não seria sábio fazê-lo.
Mas não havia problema
Não para quem o via.
Era só uma poesia viva.

Encorpado, num corpo sem cuidados
Havia tudo que em qualquer outro tinha
Corpo de homem. Corpo pelado.
Era um corpo, mas havia mais a vista.

Aliás, não havia, e tudo estava exposto.
Não havia vergonha, não havia falsidade.
Não estava pelado, estava nu, sem medos.
Estava nu e aberto aos olhos sem pudores.

— Mas que vergonha! – Gritou um senhor indisposto.
— É uma maravilha! – Suspirou uma estudante.
— Será uma pegadinha? – Indagou uma senhorita.
Era um corpo sem embalagem, sem imposto.

Parado, observou os passantes e riu-se.
Sacudiu-se todo, como se dançasse.
E em passos longos, braços no ar, girava
Passeou pelo gramado, cantarolando baixo.

Ouviu um som agudo e o giroflex ligado.
Foi levado algemado para o primeiro DP.
Julgado e liberado por ser mais do que parece
Taxado de louco, saiu rindo da normalidade.

Ele estava nu! Nu em pelo!
Era ele e ele, sozinho, inteiro.
Estava sem roupas, sem zelo.
Estava perdido dentro de si.

Não seria sábio fazê-lo.
Mas não havia problema
Não para quem o via.
Era só uma poesia viva.

Encorpado, num corpo sem cuidados
Havia tudo que em qualquer outro tinha
Corpo de homem. Corpo pelado.
Era um corpo, mas havia mais a vista.

Aliás, não havia, e tudo estava exposto.
Não havia vergonha, não havia falsidade.
Não estava pelado, estava nu, sem medos.
Estava nu e aberto aos olhos sem pudores.

— Mas que vergonha! – Gritou um senhor indisposto.
— É uma maravilha! – Suspirou uma estudante.
— Será uma pegadinha? – Indagou uma senhorita.
Era um corpo sem embalagem, sem imposto.

Parado, observou os passantes e riu-se.
Sacudiu-se todo, como se dançasse.
E em passos longos, braços no ar, girava
Passeou pelo gramado, cantarolando baixo.

Ouviu um som agudo e o giroflex ligado.
Foi levado algemado para o primeiro DP.
Julgado e condenado pela liberdade de ser.
Foi preso e morreu vestido sem seu querer.

Com dois finais, a poesia muda apenas os dois últimos versos e expressa a liberdade da nudez através da loucura de um homem que despe-se completamente e dança como se o mundo não tivesse problemas. Em um final, a realidade é evidenciada e nada muda. No outro, vence a loucura. Ou a liberdade. O que o leitor preferir.